

Economista acha que o Brasil vive três crises

Da sucursal de
BRASÍLIA

O governo não pode comprometer-se com uma meta específica de redução da inflação porque a economia vive no momento uma contradição perigosa, pois, na medida em que se reduz o déficit público, principalmente com a retirada dos subsídios, aumentam os preços, disse ontem o professor de Economia da Universidade de Brasília, Lauro Campos.

A participação do Estado na Economia, diz o professor, chegou ao limite, ao provocar um déficit público de 17% do PIB em consequência da concessão de subsídios de toda natureza aos investimentos e ao consumo, mas a sua 'descolagem' da economia de forma acentuada, como exige o FMI, por meio da supressão dos subsídios, representa maiores custos para as atividades econômicas em geral.

Essa descolagem é mais dolorida ainda, ressalta o professor, na medida em que se dá numa economia há três anos em recessão e que enfrenta, simultaneamente, crise no setor de bens de produção — a ociosidade do setor industrial atinge 70% em alguns casos, como no de bens de capital e no de bens de consumo. A política de arrocho salarial provocou

queda de 7% nas vendas do comércio. No Brasil disse Lauro Campos, esse modelo esgotou-se com o déficit público atingindo 17% do PIB, porque para financiá-lo o sistema financeiro exige uma alta taxa de juros, insuportável pelo sistema econômico privado.

A conjugação simultânea de três crises — de produção, de consumo e do Estado como carro-chefe da Economia —, ressalta Lauro Campos, requer alterações mais complexas do sistema econômico do que as ditadas pelo FMI, pois estas são destinadas a debelar apenas uma das crises, a do modelo estatal de demanda, e não as duas outras que, sob o efeito da recessão acumulada, se agravam com a queda nas vendas e na taxa de lucro das empresas.

Em razão dessa simultaneidade de crises, o professor Lauro Campos não acredita que um remédio unilateral — o monetarismo ortodoxo que se fixa na redução do salário de forma irredutível — possa solucionar a crise econômica atual que se assemelha, no Brasil, à crise de 1929, quando ocorreu a simultaneidade da debacle dos bens de produção e de consumo — em 29, os EUA produziram 3,5 milhões de automóveis, mesmo número produzido 50 anos depois, em 1980.